

Os Estudos Tupis na Correspondência de Frederico Edelweiss: Informação Preliminar

*Consuelo Pondé de Sena
Prof^o Adjunto do Departamento de
Antropologia da UFBA
Diretora do Centro de
Estudos Baianos da UFBA*

Em meio à ampla e variada correspondência constante do arquivo do Prof. Frederico Edelweiss, por ele próprio doado ao Centro de Estudos Baianos, privilegiamos, por motivos óbvios, a referente aos assuntos tupis.

Vale assinalar, ainda, que as inúmeras cartas que lhe eram dirigidas de todos os recantos do país e do estrangeiro, proporcionaram-lhe a oportunidade de transmitir seus incontestáveis conhecimentos do tupi, especialidade em que era, reconhecidamente, o mais importante conhecedor em nosso meio.

Cumpre-nos, apenas, no entanto, no presente comentário, pôr em relevo parte dessa correspondência, face a impossibilidade de, nos limites deste artigo, analisar todo o acervo epistolar referente ao

assunto.

Isto posto, é nosso objetivo explicar sobre algumas de suas cartas, através das quais é possível identificar as preocupações do tupinista apaixonado e pesquisador fecundo e percuente.

Iniciemos, pois, com algumas observações sobre a primeira carta que dirigiu ao Pe. Antônio Lemos Barbosa, conceituado tupinólogo, autor de várias obras importantes sobre a língua brasileira.¹

Da leitura do texto em apreço evidencia-se o grande empenho de Edelweiss em estabelecer contatos produtivos, a nível de troca de informações e pontos de vista, com um interlocutor à altura dos seus conhecimentos. Intentava, destarte, questionar sobre problemas fundamentais da lingüística indígena nacional e mesmo alienígena.²

Embora, até o momento, não tenha sido localizada nenhuma correspondência anterior a 1942, dirigida por F. E. ao Prof. Plínio Ayrosa, o Mestre baiano assim se refere sobre a impossibilidade de entender-se com aquele docente: "Como titular da cadeira de tupi da recém-fundada Faculdade de Filosofia da Bahia procurei então tomar contato com o Sr. Plínio Ayrosa, de São Paulo, para iniciar conversações em torno ao estabelecimento de grafia mais racional do tupi, condição indispensável a qualquer estudo lingüístico que deva constituir o ponto de partida para a futura "lingüística indígena comparada."

Após rápida tentativa junto ao Sr. Ayrosa, convenci-me da impossibilidade de qualquer trabalho conjunto, por diversos motivos.³

E, evidenciando o seu distanciamento da posição assumida pelo professor paulista, prossegue comentando: "Entre eles avulta a convicção do Sr. Ayrosa de ser o tupi algo como irmão bastardo do guarani, além de decadente, mal transcrito e mal compreendido pelos missionários."⁴

Contraopondo-se ao pensamento daquele Professor, continua informando: "O Sr. Ayrosa está convencido de que o "ç" era uma gutural, pronunciada exatamente como o "h" guarani e que o "y" em guarani e o "j" em tupi eram pronunciados "dj" (como Djalma, etc). E de quanta coisa mais!⁵

Desencantado ante a impossibilidade de dialogar com o criador da cadeira de "Lingua Tupi-Guarani," na Universidade de São Paulo, continua o seu pronunciamento: "O resultado da falta de entendimento será cada qual trabalhar isoladamente, em direção diversa, em aberta ou surda hostilidade, com graves danos desse ramo de estudos."⁶

Evidenciando, por outro lado, o seu contentamento por ter percebido que ele e o Pe. Lemos Barbosa caminhavam no mesmo sentido, sendo-lhes salutar manter um bom entendimento, acrescenta naquele seu tom franco e incisivo: "Vendo agora que o Am^o se

dedica ao estudo do tupi, e, verificando que o considera como um galho característico do tronco tupi-guarani, (O Sr. Ayrosa acha que existe uma língua tupi-guarani) abalanço-me a fazer esta tentativa de aproximação. Espero me não leve a mal a ousadia".⁷

Em seguida, confessando o seu interesse pelos estudos brasileiros, declara: "Há mais de dez anos que me afeiçoei ao estudo das línguas gerais do Brasil. Comecei com a moderna do Amazonas, descambando depois para o dialeto primitivamente estudado por Anchieta e Figueira e, para fins comparativos, o guarani de Montoya e Restivo."⁸

Além disso, aproveitando a ocasião para firmar o seu juízo sobre a questão, declara categoricamente: "Para mim não pode haver dúvida que, enquanto o guarani evoluiu mais e numa direção, o tupi conservou o seu caminho, seguiu leis próprias, desenvolveu características peculiares algumas delas indispensáveis para a boa compreensão da forma guarani correspondente. Por outro lado, quantos termos tupis seriam de interpretação quase impossível, com os meios hoje ao nosso alcance, sem o Montoya e seus discípulos?"⁹

Reiterando suas críticas a Plínio Ayrosa, continua: "O que se não pode admitir são sentenças como estas: "forma tupi, oriunda do guarani: ---, mais correta, que a cada passo se lêem, nos comentários das péssimas traduções do Sr. Ayrosa."¹⁰

Antes de concluir sua carta, além de demonstrar o desejo de manter correspondência com Lemos Barbosa, no sentido de unirem esforços, trocarem idéias e estabelecerem princípios uniformes quanto à ortografia simplificada da língua tupi, que desejava fosse adotada nas Universidades onde existiam o seu ensino, reitera suas críticas ao colega paulista, expondo-as nos seguintes termos: "Alguns princípios do Sr. Ayrosa são aceitáveis, mas o sistema é incompleto. Não tem letras para as semi-consoantes de "i" e "u" - como sejam:

i em "juca" e
u em "quara".

Parece-me indispensável sejam devidamente diferenciados os três sons do "i" - i, j, y - etc. etc".¹¹

A certeza, pois, de que, daí por diante, poderia manter um contato enriquecedor com um companheiro de estudos do seu quilate, constituiu-se em novo alento para Frederico Edelweiss. Finalmente, encontrara alguém que sintonizava com as idéias que esposava em relação ao tupi e suas vinculações com o tronco tupi-guarani. Mais do que isso, afinal encontrara um estudioso que sabia discernir, com clareza, as diferenças existentes entre o tupi e o guarani, razão pela qual, em face dessa afinidade, estabeleceu-se

entre ambos, ao longo do tempo, uma profunda e respeitosa amizade.

Passemos, em seguida, aos comentários relativos a assuntos indígenas, dirigidos por Frederico Edelweiss em cartas endereçadas ao etnólogo Curt Nimuendajú.

A primeira delas contém a seguinte observação: "Não vejo como se possa iniciar melhor o estudo da lingüística - indígena brasileira, do que fazendo a análise do tupi ao tempo da descoberta do Brasil, da influência dos civilizadores sobre o mesmo, estabelecendo comparações entre os dialetos daquele tempo e os modernos, o "nheengatu" de um lado, e de outro os falados pelas tribus tupis ainda existentes.¹²

Ressaltando o seu interesse no falar dos índios tupis atuais, continua: "Não sei se me fiz compreender, mas o que já deve ter percebido é a minha necessidade de todo material lingüístico obtível das tribus tupis puros ainda existentes. Como já tenho muita coisa que o amigo publicou, inclusive as separatas enviadas com a carta, agradeceria uma relação prévia do material lingüístico existente, tanto seu como de outros, principalmente os estudos mais recentes".¹³

Observa-se, assim, que Edelweiss valorizava sobremaneira o ensino do tupi antigo como base indispensável à lingüística indígena brasileira, bem assim a influência do português sobre o idioma nativo. Releve-se, ainda, o seu interesse em realizar análises comparativas entre os dialetos antigos e os modernos, além de estabelecer confrontos entre o "nheengatu" moderno e as demais línguas tupis ainda vivas.

Obedecendo à ordem cronológica, que estamos seguindo nestes comentários, cabe-nos tecer considerações sobre uma nova carta dirigida ao Pe. Antônio Lemos Barbosa.¹⁴ Nela, Frederico Edelweiss assim se exprime: "Atendendo ao seu pedido mando-lhe anexo um resumo do meu sistema ortográfico pessoal. É uma exposição inicial entregue à ponderada apreciação do arguto analista.

O amigo verá que não divergimos tanto como, possivelmente, a minha carta lhe fazia presumir, pois não pretende ir além das indicações dos primeiros mestres. Nada de fantasias!

Entretanto, nessa grafia bastante simples a só representação criteriosa das vogais e semivogais já resolve muitos problemas de pronúncia. A dificuldade em distinguir os tais "sons líquidos"; isto é, as semivogais e os ditongos, provém tão somente do caos das grafias iniciais. Não há dúvida, os jesuítas das reduções guaranis foram mais sistemáticos no alfabeto, mas não foram mais concisos na explicação dos sons. Vou mais longe

A comparação das instruções nas gramáticas e catecismos tupis permite reconstituir com bastante fidelidade a pronúncia indígena do século dezesseis, enquanto Montoya deixa subsistir

muitas incertezas a despeito do seu alfabeto especial. Será trabalhosa, mas não impossível a reconstituição do tupi seiscentista.

Anchieta é o auxiliar mais precioso; os catequistas fornecem complementos indispensáveis."15

Todavia, Edelweiss não considerou suficiente esse esclarecimento. Assim, continuou a discorrer sobre o assunto que tanto o interessava e sobre o qual achava importante estabelecer-se um critério único entre os especialistas.

"A distinção das semivogais de um lado e os acentos do outro delimitam tão aproximadamente quanto possível, os ditongos crescentes e decrescentes.

O hiato que tanta discussão tem provocado nos países platinos, nunca foi indicado no tupi e, nele, talvez tenha sido muito menos acentuado do que no guarani. O fato de haver dialetos em que o hiato parece não existir merece consideração. Não havendo referência do hiato nos autores antigos, não no indico."16

Prosseguindo em sua exposição, versa sobre a separação das palavras um dos mais intrincados problemas na opinião do Pe. Lemos Barbosa. 17

Chegamos à separação das palavras, que talvez seja a tarefa mais árdua. Tenho estabelecido algumas regras para o meu uso pessoal e delas transcrevo as principais. O seu número pode assustar a princípio, mas como se trate antes de exemplo variados, a sua aplicação é fácil. O amigo verá no texto transcrito anexo como a separação das palavras, por sua vez, remove muitas dúvidas de pronúncia."18

Pondo em relevo a sua postura liberal em relação ao que julgava passível de discutido, ainda que estudasse os assuntos profundamente, assinala: "Também é possível que, de início, as ache arbitrarias; entretanto, todos obedecem a certo princípio, ou apoiam-se em razões ponderosas."19

Verifica-se pelo conteúdo dessa carta que, entre aqueles dois grandes cultores do tupi antigo, havia se estabelecido o desejável e desejado vínculo de amizade e entendimento.

Por outro lado, aqui e ali, na referida carta, evidencia-se a seriedade com que F. E. versava os temas pertinentes ao idioma tupi. Revela-o essa declaração final: "Quanto a trabalhos meus, felizmente nada publiquei de fôlego. Tenho mais ou menos prontos dois estudos maiores. O Acervo Vocabular Comparado e Comentado da Gramática de Anchieta, Idem da de Figueira.

Também tenho trabalhado na confecção do vocabulário comparado dos catecismos. Mas, ... estou longe do fim.

Prefiro refletir e discutir sobre muitos pontos nebulosos antes de pô-los em letra de forma."20

Finaliza seu depoimento encerrando-o com palavras que refletem a sua indiscutível seriedade profissional, nos seguintes termos:

"Atualmente o meu tempo disponível vai todo na sistematização do material indispensável a um curso digno de figurar num programa de ensino superior."21

Efetivamente, F. E. preparava suas aulas de tupi, redigindo-as com extrema meticulosidade comentando, enfim, os capítulos da gramática tupi com a competência de um verdadeiro mestre.

Feitas essas observações, passemos a analisar a segunda carta de Edelweiss dirigida a Curt Nimuendajú. Nela, o remetente demonstra a sua alegria por ter sido convocado por Isaías Alves para compor o quadro docente da recém fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Eis o que declara textualmente: "Felizmente para mim, a Faculdade veio fixar os meus estudos a um campo restrito e, cada dia a gente se admira mais do muito que ainda está por fazer. Pondo mesmo de lado os amadores, dentre os próprios "entendidos" em tupi, poucos resistem de fato a qualquer análise criteriosa. Imagine o amigo que o Sr. Plínio Ayrosa, professor de Tupi em São Paulo, acaba reafirmando, que o ç de Anchieta e outros jesuítas se pronunciava como o "h" de Montoya!! Isto apenas para servir de amostra; parece que não tem a mínima idéia do que sejam as mutações de certos sons de um dialeto a outro, que, afinal, são uma das características dos dialetos ou das línguas afins.

Voltando à sua carta e respondendo a uma das perguntas, devo-lhe dizer que me interessam todos os dialetos, puros e mesclados.

Gostaria de ouvir, em primeiro lugar, alguma coisa mais sobre as características dos seus cinco grupos tupis puros. Mencionou apenas de leve a distinção pelo pronome da primeira pessoa e aludiu a outras particularidades. Dar-lhe-ia muito incômodo, se o pedisse para entrar comigo algo mais fundo na matéria?"22

Além disso, Edelweiss solicita mais do seu amigo Nimuendajú, naquela sua constante e enriquecedora curiosidade de saber, de acumular conhecimentos. Deseja obter indicações de caráter bibliográfico e assim se expressa: "Ao lado das suas explicações pediria indicar-me a literatura correspondente. Conheço grande parte dela, mas um ou outro artigo deve ter me escapado pela interrupção nos últimos anos anteriores à guerra. Verificaria a minha lista pela sua e isto me daria muito mais segurança, pois ultimamente os estudos têm sido publicados nos Estados Unidos de maneira tão dispersiva, que é quase impossível saber de todas elas. Falta-nos agora o inestimável indicador que era a bibliografia anual do Journal de La Societé des Americanistes de Paris com o incansável Rivet à frente. Aliás, entre parêntese, nos estudos das tribos tupis Rivet não foi sempre muito feliz."23

Mas o nosso remetente vai mais adiante, respondendo a Nimuendajú sobre o que este lhe indagara a respeito do livro de

Tastevin - "La langue Tapihia, segundo o etnólogo alemão, tido na época como a última palavra sobre a lingüística tupi."

Quanto ao Tastevin, é claro que as partes referentes ao valor lingüístico do seu vocabulário e principalmente da construção gramatical do seu livro sofrem de inconcebível exagero. Ninguém, por mais que decore, conseguirá, com esses dados, compreender o tupi jesuítico, mesmo o catecismo amazônico do Pe. Betendorf, com as publicações de Tastevin. Estou convencido que os jesuitas violentaram muito mais a classificação de fatos lingüísticos para obter uma gramática tupi à moda latina, do que a maneira de falar indígena.

A língua geral de hoje conservou a raiz das palavras, mas a sintaxe muito pouco tem do tupi antigo.

O mérito de Tastevin, portanto, está no material de confiança para efeito de comparações, e, nas observações sobre os pronomes pessoais e relativos, que certamente correspondem muito mais à realidade do que os tais "gerúndios" antigos. 24

No final desta carta Frederico Edelweiss elabora uma nota sobre o Tupi da Bahia, atendendo ainda a uma consulta que lhe fora feita por Nimuendajú ao indagar-lhe: "O Sr. conhece algum documento que represente o Tupi como era falado no actual Estado da Bahia? Eu não conheço nenhum." 25

A nota de Edelweiss assim se transcreve: "Francamente, também não conheço nenhum texto em tupi, que tivesse coragem de classificar de bahiano, porque os jesuitas, os únicos a nos deixarem algo escrito, além da tendência uniformizadora natural neles, passavam tempos em São Vicente, no Rio, na Vitória, em Pernambuco e nas missões do actual Estado da Bahia.

Desta forma, a não ser que o "fondo jesuítico" de Roma esconda algum dos escritos do Pe. Aspilcueta Navarro, que não saiu da Bahia, nem as poesias, nem as orações, nem o catecismo de Araújo, nem os episódios da História Sagrada, nem as peças teatrais podem ser consideradas bahianas. Tão pouco quanto de "amazonense" o catecismo de Betendorf. Entretanto, Anchieta indica as diferenças léxicas entre o norte e o sul, a folio primeiro, verso da sua gramática. Aquela afirmativa de Anchieta levada à última consequência equivale à identificação das formas jesuíticas com o dialeto da Bahia, visto como a sintaxe devia ser a mesma para todos eles e não haver diferenças sensíveis no falar dos Tupis do Espírito Santo aos da Paraíba. 26

Depois desta carta endereçada por Edelweiss a Curt Nimuendajú, que se encontrava então no Museu Paraense Emilio Goeldi, fez-se completo silêncio entre os dois estudiosos dos índios brasileiros, que se haviam conhecido na Bahia no último quartel do ano de 1938. 27

Quanto à correspondência mantida com o Pe. Antônio Lemos

Barbosa, o último registro que temos de Edelweiss data de 11 de julho de 1944. Este inicia sua carta justificando-se pelo longo silêncio, que procura desculpar em função das reformas ocorridas no Instituto de Cacau, as quais o obrigaram a decidir-se por "um sacrifício econômico para mais proficuamente poder aplicar as minhas atividades em setores menos acanhados".²⁸ Comunicando que partiria, no dia seguinte, para o interior, onde descansaria cerca de um mês, coloca-se de novo à disposição do amigo desejando que a correspondência entre ambos não sofra outro colapso. Em seguida, pronuncia-se a favor do Pe. Lemos Barbosa, expressando-se dessa forma: "Quando recebi o seu cartão já havia tomado a resolução de lhe dirigir umas linhas de solidariedade por motivo das invectivas contidas na bibliografia do Sr. Plínio Ayrosa. Mal sabe o homem da língua tupi-guarani como é perigoso ajuntar um montão de pedras ao pé do seu telhado de vidro. Deixemo-lo mais algum tempo!"²⁹

Sobre as desavenças entre o Pe. Lemos Barbosa e Plínio Ayrosa, temos notícia através de uma carta dirigida por F. E. ao Dr. Pirajá, vazada nos seguintes termos: "Pela Revista Filológica o Pe. Lemos Barbosa submeteu a crítica bastante forte o comentário de Plínio Ayrosa ao "Diálogo de Jean de Léry, na edição Martins da sua viagem à Guanabara. Parece que o amigo Plínio perdeu as estribeiras com a petulância de alguém querer meter-se na sua seara e retrucou ao padre em "carta aberta", e, abertamente mal-criada.

Muito lhe agradeceria a remessa do "recorte", pois ignoro em que jornal ela saiu publicada.

É deveras lastimável que, em vez de se unirem, os estudiosos percam tempo em mutuamente se negarem méritos e se insultarem. Aliás, enquanto o Plínio carrega ofegante o peso da sua responsabilidade e das suas publicações apressadas, (antítese de outro amigo meu!) o Padre Barbosa leva a grande vantagem de poder referir-se exclusivamente às falhas do Plínio, que não são poucas."³⁰

Feita essa digressão à guisa de informe, voltemos à carta de 11 de julho de 1944, na qual Edelweiss retoma o fio da meada sobre a língua tupi, expressando-se nos seguintes termos: "Voltando às suas linhas de 3 de maio de 1943, quer o amigo considerar e resumir a maneira mais radical de *separar* as palavras em "série" dos jesuítas sem prejudicar a indicação das particulas átonas? Eu os submeteria, à minha volta, a uma análise mais detida do meu ponto de vista. Convém dito que a minha ligação das palavras por traço de união procura, ora indicar a semivogal, ora os acentos aos complexos vocabulares. Sou entretanto o primeiro a reconhecer, que dificilmente se chegará sempre a regras simples e inteiramente conseqüentes. Não creio haja divergência entre nós quanto aos acentos. Apenas eu costumo indicar, nos complexos mais longos, o acento principal pelo circunflexo e o secundário pelo agudo. Daí o seu reparo (p. 9).

Enfim, aguardarei algumas linhas suas para reatar o fio da nossa troca de idéias. 31

Uma longa pausa na correspondência, em português, sobre temas da lingüística indígena de F. E. e a 9 de janeiro este Mestre escreve a Pe. Antônio Guasch S. J. no seguinte teor: "O amigo tem razão quando afirma que os estudiosos do tupi não prestam a devida atenção ao tal "glottal stop". É uma falha em que todos incorrem inclusive eu. Se não o assinalamos, entretanto na grafia, na aula não deixamos de chamar a atenção para a sua existência também no tupi.

Lemos Barbosa dedica um pequeno capítulo a esse "hiato"; à p. 31 da sua gramática. Eu mesmo direi também algumas palavras sobre o assunto numa publicação em preparo.

O fato é que, caracterizadas, por sinais diacríticos, as semivogais, separados na escrita certos complexos vocabulares e frisado que duas vogais juntas, das quais a segunda leva um acento (escrito), se pronunciam separadas por "hiato"; não devemos também no tupi estar muito longe da pronúncia exata.

Aplique o amigo estas indicações ao guarani em algumas palavras a título de verificação e diga-me o que acha.

A apóstrofe é o meio mais fácil para indicar o hiato numa língua falada, mas não é o único.

Devo-lhe confessar que na gramática de Anchieta o hiato não está indicado, mas também o não assinalam Montoya e Restivo, dois clássicos do guarani antigo, que lingüisticamente vale sobejamente o atual.

E agora uma coisa que o amigo deve saber: No catecismo do p. Antônio de Araújo, 2ª ed. de 1686, não se apontam as semivogais, mas especifica-se o *hiato* por meio do trema ("") na primeira vogal e/ou de acento na segunda, como poderá ver nos exemplos que transcrevo a seguir:

| | | | |
|--------------|------------|---------------|-------------|
| Sôo | carne; | môeté | venerar; |
| ëyma | não; | mombëú | declarar; |
| mbäé | cousa; | mðangäúba ... | fingir; |
| ëípe | disse ële? | cëö | ële morreu |
| nhënga | fala; | iäysó | era bonita. |

Mas, a indicação do p. Araújo não confere sempre com o guarani, como se vê por ex. em Ycaräyba - - água benta, etc. Muita coisa miúda e mesmo graúda não confere entre os dois.

Quanto à grafia dos autores modernos, entre os quais alguns não são e nunca serão lingüistas, não se esqueça que o tupi seis e setecentista que cultivamos a título de ilustração patriótica em nossas escolas superiores, é uma língua morta, onde o hiato nada

altera no sentido. Está satisfeito?

No que respeita às suas "oscilantes" devo dizer que sempre as menciono, como também o p. Barbosa e provavelmente também dall Igna Rodrigues. Naturalmente os adjetivos, *como tais*, não têm *t* inicial móvel.

Mas, o sentido essencial de *classe superior* inerente ao *t* e o de *classe inferior* do *s* (*h*), tão bem especificado no tupi antigo, já não eram mais nítido no guarani da mesma época. Por ex.

| | |
|------------|---------------------------------------|
| teté | corpo humano |
| seté | corpo animal |
| Seté | corpo dêles (de ambos) sem distinção. |

Quanto às informações que pede:

O p. Barbosa, compreensivelmente agressivo para com certos ignorantões, e, por isso mesmo muito combatido, teve ordem do bispo de deixar a cátedra e dedicar-se a misteres mais espirituais. Não me escreveu mais depois disso, nem eu quero reavivar a sua grande mágua.'³²

Reafirma-se, pelo exposto, a grande estima que F. E. devotava ao Pe. A. Lemos Barbosa sobre quem, em aulas ministradas na Faculdade de Filosofia sempre tecia elogios à grande capacidade e probidade científica.

Mas, não somente a companheiros de especialidade escrevia Frederico Edelweiss. Excelente e pontual correspondente, costumava atender a tantos quanto lhe solicitavam esclarecimentos sobre assuntos da sua competência.

Assim, passemos às considerações contidas na carta que enviou ao diretor do Touring Club do Brasil, em atendimento às questões que lhe foram formuladas: "Desvanecido com honrosa consulta formulada pelo seu Ofício D. 861, de 6 do corrente, apresso-me em responder.

Preliminarmente: Os estudos de etimologias brasílicas devem ser o seu relativo atraso ao desaparecimento do dicionário tupi dos jesuítas ao tempo de Pombal, o ferrenho perseguidor da Companhia.

Só em 1938, com a publicação de um dos dois apógrafos descobertos, os estudos tupis puderam realmente ser coordenados, quando Teodoro Sampaio já havia morrido.

É assim, que, na 4ª edição d'*O Tupi na Geografia Nacional*, promovida pela Câmara Municipal, em 1955, aliás muito às pressas pude fazer umas tantas correções das muitas que se fazem precisas. Entretanto, não alterei a grafia Itapuã, de Teodoro Sampaio, muito correta, embora não atinasse ele com o verdadeiro sentido do termo, pois Itapuã é contração de duas palavras tupis:

itá - - *pedra* (ou *de pedra*), quando vem anteposto a um substantivo) e

apuã - - cabo, ponta qua avança.
de onde, por aglutinação dos dois a, Itapuã - - Cabo de pedra, que de fato é, e muito perigoso à navegação costeira; daí o farol." 33

Em nota aposta no final da referida carta F. E. acrescenta a seguinte informação: "Acrescente, pois, o esforçado Touring Club Itapuã às aludidas retificações de Lagoa Abaité e Camarajipe, êste com 3 a a a e j. 34

Do exposto, verifica-se a presteza com que F. E. atendia às consultas que lhe eram endereçadas, de que é exemplo esta carta respondida no dia 7 de maio de 1969, no dia seguinte à data em que fora remetida.

A correspondência que se segue é encaminhada ao Sr. Walter Geyerhahn, que vivia no Rio de Janeiro. 35

Como o conteúdo da missiva revela toda a inquietação do perspicaz tupinólogo em discutir questões relacionadas com a sua matéria de conhecimento, merece reproduzida a partir de suas linhas iniciais:

Meu caro Geyerhahn:

A sua carta de 10 deste me pôs em vivo e compreensível alvoroço, por coincidir de forma inesperada com a tese minha, defendida, faz três anos, de que o *Colóquio* do livro de Léry não é obra dêle, pois nos dez meses atribulados que passou na Guanabara não poderia ter aprendido o tupi necessário à confecção do diálogo. Aliás, ele mesmo confessa, a colaboração, o que apenas é meia verdade, porque a parte tupi deve ser toda do intérprete a que alude no fim do capítulo dezenove, principalmente pelas razões que dei no meu artigo publicado em 1967, no vol. 275 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio. 36

Por um desses acasos era, assim, possível que o seu manuscrito fosse uma espécie de rascunho da mão do feitor - intérprete, tupinista exímio e muito instruído, que elaborou, dois anos mais tarde, um diálogo mais extenso para Léry. Seria neste caso o documento tupi de certa amplitude mais antigo até hoje conhecido e, portanto, de extraordinário valor. Para o seu exame valia, pois, a pena dedicar um fim de semana. E foi o que acabo de fazer.

Devo dizer, que, logo de início achei a letra um tanto avançada para meados do século dezesseis. Mas, podia admitir-se capricho especial por versar língua exótica, na calma da mata virgem.

Entretanto, à medida que me fui aprofundando nas comparações com a Iª edição latina de Léry, de 1586, as minhas ilusões iniciais cederam o campo às mais completas desilusões.

Trata-se de uma inominável mistificação, em que o autor nem teve o cuidado de resguardar as aparências.

Todo o manuscrito, pelo que se pode concluir das três páginas enviadas, é extraído do colóquio de Léry, de um lado, da mais

disfarçada maneira, pulando na extração dos verbetes para trás e para frente, mas, de outro lado, deixando dessa forma as perguntas e respostas tão sem nexo, que chama de logo a atenção.

Numerei todos os verbetes da IIª página, de leitura mais fácil, e também alguns mais legíveis das pp. I a VI. A seguir dou os mesmos números com as pp. correspondentes na Iª edição latina de Léry.

Dos números 40 a 52 e em toda a p. VI o falsário não pôde dar grandes saltos por se tratar de paradigmas gramaticais. Trata-se de verbetes todos constantes das pp. 290 - 295 de Léry. São, assim, facilmente localizáveis.

Mas, temos provas ainda mais concludentes.

O feitor-intérprete tinha cultura clássica e sabia tupi a fundo, aprendido no sossêgo de oito anos de convivência com os tupinambás, pelo que se deduz de observações em diversos verbetes. Não cometeria, assim, os numerosos erros que aparecem na transcrição de Léry.

Pois bem, todos os erros de Léry se encontram também nas folhas do falsário, além de mais algumas inadvertências dele mesmo.

Citarei apenas algumas amostras mais expressíveis.

Nº 22 - p. 280 -- A parte tupi de Léry começa por *M e i n*, em lugar de *N e i n*. No Ms. vem o mesmo erro.

No nº 30 - p. 287 - Vem *Mera - vaé* por *Mara - vaé*. No Ms idem.

No nº 33 - p. 285 - devia constar: *taue - - vici* (aldeias e
auc - - donus (casa)

Mas, na edição latina vem erradamente: *taue viri auh - - donus*, como se *taue viri auh* fosse tupi, significando *domus* (casa).

Entretanto o texto correto é: *Taue - - vici* (e não *viri*) =
= (aldeias)

Auk (e não *auh*) - - *domus* = (casa)

Houve, portanto, três erros no livro de Léry, e todos eles, foram religiosamente perfilhados pelo mistificador.

No nº 50 - p. 290 - vem erradamente *Ehe usseh - - sítio* = (tenho sede) quando devia ser *Che Usseh*. O Ms copiou um erro tão evidente.

Vê-se claramente nestes poucos exemplos não só que o autor do manuscrito copiou a edição latina de Léry, mas também que nada entendia de tupi e muito pouco de latim. Não podia ser obra do intérprete.

Ainda há enganos do próprio mistificador:

No nº 32 - p. 289 - Léry tem *Che oup - coxae meae* = (minhas coxas).

O copista enganou-se aí na tradução e, em lugar de *coxae meae*

escreveu *mamae meae*, que está na linha anterior. Desconhecida, pois, o sentido.

No nº 16 - p. 276 - O livro de Léry dá uma definição de *tapiroussou* um tanto prolixa: "*Fera quam sic vocant, quam semi asinum aut semi vaccam dicere possis.*"

O falsário achou a explicação comprida ou traiçoeira e só transcreveu dela a primeira e a última palavra: *Fera possis*, mas erradamente por *cere possis*, o que naturalmente não dá sentido algum.

Aliás a mistificação já começa no cabeçalho, um tanto desajeitadamente, e com repetição da palavra *orae* (= do litoral), mas tirando umas palavras que aparecem no título da edição latina. Naturalmente, o ano é pura invenção.

As cinco linhas seguintes (Nº 53) com que o sabidório procurou completar o título, aliás de mau jeito, são tiradas *ipsis literis* da p. 281, da 3ª linha do trecho *Karios* em diante.

É de notar que na última dessas linhas corrige surpreendentemente *eadem* por *eadem*. Parece, assim, que para o cabeçalho caprichou, consultando talvez pessoa que possuía alguma tinteira latina.

É nestas linhas que estão as palavras a respeito das quais você tinha certas dúvidas. São:

1 - - inter eos;

2, 3, 4 - - nominavimus

- - - - - primum

5 - - touuairre

- - - - - tenremino (erro já feito por Léry!!) Deve ser tememino

- - - - - eadem

O manuscrito assim truncado, com os verbetes, perguntas e respostas deslocadas para disfarce da fraude, naturalmente perde as características de um diálogo. Mesmo assim termina, tal como o livro de Léry, por *Finis Colloquii*.

Como disse acima, citei apenas alguns dos erros constantes da Iª edição latina de Léry, que o defraudador candidamente perfilhou, fornecendo assim a prova mais concludente da trapaça.

Singularmente, o próprio Léry já havia corrigido alguns desses lapsos antigos (certamente os erros tipográficos) na 3ª edição francesa, que saiu em 1585, um ano antes da latina.

Tais minudências evidentemente não chegaram ao conhecimento do patife, leigo na matéria.

Sinto imensamente não lhe poder dar novas mais gratas para nós ambos. Mas, ainda assim gostaria possuir uma boa cópia desse documento mistificatório, xerox, ou fotocópia para o meu artigo, se for possível."37

A tão solícita e erudita resposta de Edelweiss, Walter Geyerhaham assim se pronuncia em carta datada de 1º de julho de 1969:

"Muitíssimo obrigado, em meu nome e do meu sócio, pelo seu bellissimo trabalho de mestre.

Realmente, o assunto com sua clara e metódica prova, está agora definitivamente resolvido e fico, afinal, contente em saber que se trata de uma mistificação."³⁸

Inúmeras outras cartas de Edelweiss sobre a temática tupi, cuidadosamente preservadas em seu arquivo particular, escritas em inglês, francês e alemão, merecem traduzidas e divulgadas para o conhecimento dos que se interessam pelo assunto. Outras tantas, em português, serão objeto de novas considerações em próximo artigo que pretendemos elaborar, visando a divulgação dos conhecimentos que o pranteado Mestre de Tupi da Bahia transmitiu ao longo de sua laboriosa e proficua existência.

NOTAS

1 Carta de Frederico Edelweiss ao Pe. Antônio Lemos Barbosa, datada de 11 de junho de 1942.

2 / 11 Ibid.

12 Carta de Frederico Edelweiss dirigida ao etnólogo Curt Nimuendajú, datada de 12 de junho de 1942.

13 Ibid.

14 Carta de Frederico Edelweiss ao Pe. Antônio Lemos Barbosa, datada de 22 de julho de 1942.

15 Ibid.

16 Carta de Frederico Edelweiss ao Pe. Antônio Lemos..

17 / 19 Ibid.

20 Ibid. O anexo desta carta consta de dezesseis folhas datilografadas, cujo título é *A grafia do Tupi*.

21 Ibid.

22 Carta de Frederico Edelweiss a Curt Nimuendajú, datada de 25 de setembro de 1943.

23 / 24 Ibid.

25 Carta de Curt Nimuendajú a F.E., datada de 9 de agosto de 1943.

26 Carta de F.E. a C. Nimuendajú, em 25.9.1943.

27 F. Edelweiss faz referência a esse encontro em Documenta - Curt Nimuendajú na Bahia. *Universitas*, Salvador (8-9): 277, jan.-ago., 1971.

28 Carta de F.E. ao Pe. Lemos Barbosa, datada de 11 de julho de 1944.

29 Ibid.

30 Carta de F. Edelweiss ao Prof. Pirajá da Silva. Em 9 de julho de 1942.

31 Carta de F. Edelweiss ao Pe. Lemos Barbosa. Em 11.6.1944.

32 Carta de F.E. ao Pe. Antônio Guash, S.J., datada de 09.01.1962. O Pe. Guash, grande conhecedor do idioma guarani, é autor, entre outros, dos seguintes livros: *Catecismo de la doctrina cristiana, bilingüe en guarani y español*; *El idioma guarani*; *La numeracion guarani*; *Gramática práctica de la lengua guarani*; etc.

33 Carta de F. E. ao diretor do Touring Club do Brasil, datada de 7 de maio de 1969.

34 Carta de Frederico Edelweiss, em 16.6.69, a Walter Geyerhahn em resposta a que este lhe endereçara no dia 10.6.69, oportunidade em que comunica ao tupinólogo baiano:

"Em minha viagem pela Europa e E.E.U.U., tive a sorte de encontrar um manuscrito que à primeira vista me pareceu importantíssimo." Em seguida, o remetente descreve o documento concluindo da seguinte forma:

"Diante do exposto, envio-lhe em anexo xerocópia de 3 páginas do referido manuscrito e ficaria imensamente honrado se o Amigo, como autoridade máxima no assunto, pudesse opinar a respeito. O manuscrito está guardado em cofre-forte e foi-me contriado por um mês. Por isto, peço ao Amigo uma resposta breve!"

35 O trabalho a que F. Edelweiss faz referência é um substancioso estudo intitulado: *Os topônimos indígenas do Rio de Janeiro quincentista*, p. 80 - 134.

36 Ibid.

37 Carta de Frederico Edelweiss a Walter Geyerhahn (16.6.69).

38 Ibid.

Universitas (30): 59-74, maio/ago. 1982

SUMMARY

The purpose of this article is to present a comment on part of the correspondence of Prof. Frederico Edelweiss that deals with Brazilian Indians linguistics, with emphasis on Tupi. The criterion for the selection of the correspondence in Portuguese was chronological, the first letter being dated from June, 11th 1942, and the last from June 16th, 1969.

Edelweiss' opinion about the distinction between the Tupi and Guarani languages is highlighted in these letters, as is his proposal for a simplified transliteration of the Tupi language. Most of all, he presents a critical and profound review of Tastevin's *La Langue Tapibiya*, as well as of the dialogue attributed to Jean de Léry.

It must be made clear that in the present article but seven of Edelweiss' letters are commented upon. Two of them, however, has been transcribed in full, such is the wealth of information passed on by the acknowledged master of Bahian Tupi studies. Edelweiss' incontestable command of the material places him among the greatest Brazilian authorities in this field.

RÉSUMÉ

Ce travail de commentaire a pour but de faire mieux connaître une partie de la correspondance de M. le Prof. Frederico Edelweiss ayant trait à des thèmes de linguistique amérindienne, notamment le "tupi." Il est question ainsi d'une sélection de ses lettres écrites en portugais, présentées ici dans un ordre chronologique. La première lettre a été datée du 11 juin 1942, et la dernière du 16 juin 1969.

C'est à remarquer dans cette correspondance l'opinion de l'auteur à propos de la distinction entre les langues tupi et guarani, ainsi comme sa proposition d'une graphie simplifiée de la langue brésilienne - et surtout la judicieuse et profonde analyse qu'il fait à propos du livre de Tastevin, *La Langue Tapibiya e do diálogo atribuido a Jean de Léry*.

Encore faut-il noter que dans ce texte nous sommes limités seulement au contenu de sept lettres. Certaines d'entre elles ont été reprises intégralement, vu la richesse des informations que nous offre le Maître de la Tupinologie baianaise. Cela fait ressortir la remarquable subtilité de son travail, et son incontestable connaissance de tel sujet, dont il était d'ailleurs reconnu comme la plus grande autorité anthropologique brésilienne.